



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7055 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT12 - Currículo

PENSANDO UM CURRÍCULO FEMINISTA ANTIRRACISTA

Nadila Jardim Evangelista - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

Marcília Rodrigues Costa Silva - ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

Agência e/ou Instituição Financiadora: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB)

PENSANDO UM CURRÍCULO FEMINISTA ANTIRRACISTA

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva-se a pensar um currículo feminista antirracista a partir da produção discursiva de Conceição Evaristo (2014), *Olhos D'água*. Intencionamos com a pesquisa buscar outros sentidos de currículo a partir de produções de intelectuais negras que tem buscado se inserir nas disputas narrativas pela produção de significação do currículo. Esta pesquisa fora desenvolvida pensando os entre-lugares (Bhabha, 1998) movimenta-se pelas fronteiras das relações étnico-raciais. Como se equivale a uma pesquisa documental, os recursos utilizados para produção dos dados, foram: fichamentos, mapeamento de categorias e elaboração da interpretação da obra *Olhos d'água* da escritora Conceição Evaristo.

Numa articulação entre os marcadores da diferença gênero e raça para pensar as relações de poder e como tais marcadores podem “estruturar a vida social e cultural” a pesquisadora Nilma Lino Gomes (2019) reflete a partir de sua experiência como ministra, como os marcadores sociais de gênero e raça são hierarquizados nas relações de poder para ocupação em cargos de poder. Neste sentido, abrimos espaço para discutir como as intelectuais negras vem ao longo da história, e aqui situamos o processo de redemocratização onde vozes feministas negras ou movimentos de mulheres negras, se inscrevem para reivindicar demandas frente ao Estado brasileiro (Lemos, 1997; Moreira, 2007; Carneiro, 2019), abrindo espaços através das produções discursivas (Santos, 2018) em espaços de disputas e de relações de poder, aqui, refiro-me o campo da educação seguindo Santos (2018)

e Gomes (2019).

Atenta-se para essa questão as brechas no currículo que circule ou ressignifica, ou ainda, que tencione as histórias dos povos negros diaspóricos. É por meio dessa lacuna, ainda tangível, que a presente pesquisa objetiva-se pensar os sentidos de currículo feminista antirracista a partir da obra *Olhos D'Água* de Conceição Evaristo. A obra se constitui como o campo empírico da referida pesquisa, que se equivale a uma pesquisa documental, buscando um diálogo com as teorias feministas, os pós-coloniais e a teoria do discurso. Ao se direcionar pensar currículo a partir da perspectiva de Elizabeth Macedo (2006) como produção cultural e também nos direcionando a pensar como a teoria curricular tem emoldurado as formas de percebermos sentidos de currículos Macedo (2017), nos direcionamos sobre os sentidos de currículos presentes na obra de Conceição Evaristo.

Evidencia-se então a partir deste movimento na literatura teórica feminista, uma abertura para as discussões étnico-raciais e de gênero no campo da educação. Enquanto isso, os movimentos sociais no geral buscam em seu contexto precário e contingente restabelecer as discussões de um Estado democrático. No campo da educação com a prescrição do ensino de “História da África e Cultura Afro-Brasileira” abre espaço para que os intelectuais negros disputem por meio de suas histórias as suas demandas (Pontes, 2015). Este trabalho se inscreve nos contextos de disputa de intelectuais negros e negras nos campos da educação e do currículo em torno de suas demandas e de suas narrativas sobre um currículo escolar antirracista sob os aspectos de se pensar os feminismos como seio dessas narrativas.

2 DESENVOLVIMENTO

Ao pensar na obra *Olhos D'Água* de Conceição Evaristo desenvolvemos nossa escolha referenciando uma das intelectuais negras que impulsiona os estudos literários focado nos estudos de gênero e das relações étnico-raciais no Brasil. O foco do trabalho é analisar a produção literária da autora, como enunciado acima, e com isso, pensar sentidos de currículos para além da prescrição, mas sentidos de currículos que estão em disputa a partir de vozes de intelectuais negras. Trata-se de inscrever a obra da autora também neste caminho de disputa, problematizando então, um currículo hegemônico.

Conceição Evaristo é uma intelectual negra brasileira, formada em Letras, cujo foco são os estudos literários, desenvolvendo em seus contos e suas ficções questões do cotidiano que revelam experiências e demandas coletivas da população negra, em específico das mulheres negras. Ao escolhermos coaduno com o que diz Luana Santos sobre intelectuais insurgentes (bell hooks, 1995) e suas articulações na sociedade com “práticas insurgentes” (Santos, 2018, p.25) e como a autora parte da perspectiva de comprometimento “com a formação e com o reconhecimento da comunidade afro-brasileira, que essas mulheres contribuem de maneira singular para uma maior equidade sociorracial no país” (Ibidem, 2018, p.25).

Ao buscarmos caminhos para que produções teóricas de intelectuais negras sejam também o foco de produção de sentidos de currículos, Santos (2018) ao enunciar em sua pesquisa de mestrado ao tratar das influências de intelectuais insurgentes tomando o conceito de bell hooks, discorre sobre como as teorias elaboradas por estas intelectuais influenciam no “combate aos mecanismos de poder que naturalizam a segregação social da população afro-brasileira” (SANTOS, 2018, p. 22-23).

Assim, apresentaremos como a obra *Olhos D'Água* podem significar currículos ou possibilidades outras de pensarmos currículos para além da teoria curricular. Conceição Evaristo aborda em sua obra realidades do contexto social afro-brasileira. Ao enunciar no prefácio da obra de Conceição Evaristo (2014), *Olhos D'Água*, a autora Jurema Werneck nos convida a refletir sobre as várias formas de ser e estar no mundo, são estas variáveis formas que abrem caminhos para as possibilidades de se pensar currículo. Ao enunciar as narrativas de intelectuais negras nas discussões sobre currículo problematizamos as subalternidades (SPIVACK, 2010; SANTOS, 2018). Enunciamos as possibilidades outras de um currículo por meio da articulação entre os escritos das teóricas feministas e da literatura.

Por meio dos contos, cujos nomes são mulheres, como: Ana Davenga, Duzu-Querença, Maria, Natalina, Luamanda, Cida, a menina Zaíta conduzem as histórias narradas pela autora. As crônicas trata-se de dilemas sociais que cercam as periferias e mulheres negras. As histórias cotidianas são entrelaçadas nos contos e denunciam o machismo, o sexismo, a discriminação racial e evidencia o protagonismo das mulheres negras.

No conto que recebe o nome da obra *Olhos D'Água*, nota-se a inquietação da filha ao querer conhecer os olhos de sua mãe. No decorrer, os eventuais dilemas do cotidiano demonstram porque a cor dos olhos da mãe passara despercebido durante todo o tempo: dificuldades, o ofício da mãe como lavadeira, dos dias de alegrias em meio aos dias sem alimento. Um conto que se desliza entre a dor, a alegria, a fome, mas também sobre religiosidade. No conto que retrata a história da personagem de Ana Davenga as sexualidades se afluam, ao mesmo tempo que emergem temáticas sobre as marginalidades sociais aos quais são colocadas as populações de periferias urbanas também.

Os demais contos nomeados com personagens femininas negras, enunciam vidas de mulheres negras, seus (suas) filhos (as), suas sexualidades. Enunciam as relações conjugais, os desejos e denunciam violências. O sexismo e o racismo são violências visíveis na obra da autora, seja por meio das histórias de Maria ou de Salinda. Há algo incessante marcante nos contos, ainda que presas às estruturas que marcam a vida dessas mulheres, todas gozam de um desejo inquietante por liberdade, seja por meio de Natalina ou de Ana Davenga. Embora a obra seja composta por histórias cotidianas particulares, a obra se inscreve numa história geral da população negra, entre os desafios de viver suas individualidades e as demandas coletivas das comunidades negras. A emigração é uma característica forte da obra. Ora ou outra, deparamo-nos com as tentativas de ressignificar as condições de vidas deslocando do interior para a capital e se deparando com as realidades sociais que apagam os sonhos de Duzu ainda menina (EVARISTO, 2014). Mas como pensar currículo em *Olhos D'Água*? Nas brechas, no não dito, nas “negociações com a alteridade” (Macedo, 2017).

“A gente combinamos de não morrer” (Evaristo, 2014) revela o cotidiano da população negra e as várias formas de resistência e (re)existência diante das desigualdades raciais e sociais enfrentadas na sociedade brasileira. Tais lutas do cotidiano podem ser verificadas nas formas de políticas públicas no combate ao racismo. O medo que o personagem Bica revela, aquela que é logo transformada em coragem (Ibidem, p.100), as lutas por sobrevivência do cotidiano, questões que são referentes ao acesso educacional, as estruturas ocupacionais (Carneiro, 2019), que são reformuladas a partir do contexto em produção de políticas prescritivas para o que chamamos de justiça social.

3 RESULTADOS PARCIAIS

As discussões em torno do currículo que se propõe pensar a partir da obra de Conceição Evaristo, decorre de uma “negociação com a alteridade” (Macedo, 2017).

Seguimos pensando na perspectiva de Elizabeth Macedo (2017) quando problematiza a teoria curricular como discurso normativo que se estabelece na escola como o que deve ou não ser ensinado. Para a autora, “uma teoria curricular comprometida com a educação, só interessa o conhecimento como ausência porque é essa ausência que nos permite a experiência de estar com o outro” (Macedo, 2017, p.541).

Em *Olhos D'Água* quando somos surpreendidos no conto de Duzu-Querença numa dupla história, percebemos então a personagem de Querença envolvida com a formação da comunidade. Pode-se pensar formações de professores para uma articulação da pedagogia feminista. Querença fazia o outro trajeto previsto pela sua avó quando chegou à capital e foi interrompida pelas questões sociais e econômicas. Querença agora se preocupava ainda jovem com a formação das crianças da periferia no qual residia (EVARISTO, 2014). Faz nos lembrar bell hooks (2019) e seu conceito de pedagogia feminista. Ao propor uma articulação entre teoria e prática para uma pedagogia feminista revolucionária (hooks, 2019), a autora enuncia que a prática docente também deve ser engajada nas pautas em busca de superar o sexismo e racismo. Tal compromisso pode ser visto em *Olhos D'Água* por se tratar de uma obra que enuncia um conhecimento em torno das relações sociais de gênero e de raça e que está articulado com um currículo para além da prescrição.

Bebemos na análise de Iris de Oliveira (2017, p.650) no que se refere a pluralidade de mulheres negras narradas na obra em questão. Seguindo em sua perspectiva, no qual enuncia “os limites da identidade”. Destaco ainda por meio do artigo da autora, que “a literatura de Conceição Evaristo indica a importância de atentar para narrativas da escrevivência em sua complexidade” (Ibidem, 2017, p.650).

Percebe-se ainda, que as brechas existentes em *Olhos D'Água* para pensarmos currículo são desenvolvidos pela perspectiva de Macedo (2017) ao problematizar que a escola ou a teoria educacional se torne o lugar que o sujeito não seja determinado pelo conteúdo, ou seja, a autora propõe e argumenta em seu texto que “uma teoria curricular (e educacional) que torne abjeta a lógica da propriedade que permite ao sujeito adquirir conteúdos que o farão alguém (melhor ou pior dependendo de quem define o currículo)” (p.541). Macedo nos faz refletir sobre a cristalização das identidades que Oliveira (2017) aponta em seu texto, e que nos convidam a pensar sobre o currículo forjado a partir de seu caráter conteudista e que são ligados à ideia latente de emancipação do sujeito.

Assim, concluímos que na obra de Conceição Evaristo (2014) apresenta-se um movimento para apresentação de um currículo produto da cultura muito discutido por Macedo. Enuncia-se também um currículo que não é nem prescritivo nem elaborado por um componente curricular. Se o currículo é produto da cultura como enuncia Macedo, *Olhos D'Água* produz identidades de mulheres negras ao nomear Maria, Cida, Luamanda e suas personagens, ainda que aqui, prefiro-me guiar pelas ideias de Oliveira (2017) ao problematizar as cristalizações das identidades.

4 CONCLUSÃO

Ainda em aberto, nota-se que a produção discursiva de Conceição Evaristo (2014), intelectual insurgente (bell hooks), enuncia um currículo produto de uma enunciação cultural (Macedo, 2006; Lopes e Macedo, 2011). Fruto de demandas da população negra que encontra nas estratégias da identidade (Pontes, 2015) uma articulação para produzir políticas capaz de amenizar os danos da colonização. Conceição Evaristo não só narra os cotidianos dessas diferenças como também anuncia e enuncia mulheres negras como protagonistas de suas histórias e ao mesmo tempo interroga estes lugares de essência ao percebermos que elas são

várias e múltiplas, ainda que as estruturas do racismo e do sexismo se coadunam numa experiência compartilhada às personagens.

Assim, pretendemos enunciar como intelectuais negras produzem sentidos de currículo que se direciona a outras demandas não pontuadas nos componentes curriculares e como são elas enunciações produzidas no interior dos movimentos sociais, ou seja, produzem sentidos de currículo que não estão no espaço da escola e que não se movimenta pela ideia de legitimação de um currículo promovido pela academia (Macedo, 2017). São eles frutos de uma prática enunciativa da cultura (Bhabha, 1998), é ele mesmo produzido no interior da cultura e nas brechas das disputas curriculares por um currículo comum.

Palavras-chave: currículo; feminismo; intelectuais negras

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**/Sueli Carneiro; Prefácio Conceição Evaristo, Apresentação Djamila Ribeiro. – São Paulo: Pólen Livros, 2019.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'Água**. – 1ed. – Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

GOMES, Nilma Lino. **Libertando-se das amarras: reflexões sobre gênero, raça e poder**. Currículo sem Fronteiras, v.19, n.2, p.609-627, maio/ago.2019.

HOOKS, B. **Intelectuais negras**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 3, n. 2, 2º semestre de 1995, p. 464-478.

HOOKS, B, 1992. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**/bell hooks; tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

LEMOS, R de O. **Feminismo negro em construção: a organização do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de

Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1997.

LOPES, Alice Cassimiro; MACEDO, Elizabeth (Orgs.). **Teorias de Currículo**. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

MACEDO, E. **Currículo como espaço-tempo de fronteira cultural**. Revista Brasileira de Educação, v.11, n.32, maio/ago. 2006.

MACEDO, E. **MAS A ESCOLA NÃO TEM QUE ENSINAR?: Conhecimento, reconhecimento e alteridade na teoria do currículo**. Currículo sem Fronteiras, v.17, n.3, p.539-554, set./dez.2017.

MOREIRA, N. R. **O feminismo negro brasileiro: um estudo do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro e São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2007.

OLIVEIRA, I. V. **Escrevivências e limites da identidade na produção de intelectuais negras**. Currículo sem Fronteiras, v. 17, n. 3, set./dez. 2017, p. 633-658.

PONTES, Cassandra Marina da Silveira. **Precipitação Curricular responsável: entre a estratégia e o limite singular da identidade negra**. 2015. 117 f. Tese (Doutorado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Santos, Luana Diana. **Intelectuais negras insurgentes [manuscrito]: o protagonismo de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva e Nilma Lino Gomes** / Luana Diana Santos. - 2018. 110f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. 2018.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.